

MEMÓRIA DA TERRA-MÃE NA NARRATIVIDADE DO IMIGRANTE ITALIANO

Antonio Busnardo Filho *
Maria Ivoneti Busnardo Ramadan *

Memória

*Amar o perdido
Deixa confundido
Este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade)

As mudanças ocorridas no cenário agrícola do Estado de São Paulo foram devastadoras. Nas últimas décadas a tonalidade do verde mudou: o verde escuro dos cafezais tornou-se um verde mais claro dos canaviais. O branco da florada do café, transformou-se em um perolado dos pendões da cana-de-açúcar. E o ar das cidades, também, sofreu alterações; se antes as cidades rescendiam ao perfume das flores do café, hoje cobrem-se de fuligem das queimadas dos canaviais.

A cultura cafeeira, incrementada pelos italianos que chegaram em substituição à mão-de-obra escrava, sustentou a economia do país por muito tempo e financiou o processo de industrialização e o florescimento da arte, como a Semana de 22. Os italianos,

que romperam os mares e fincaram raízes nestes solos, “adubaram” a terra com sonhos e sementes; visceralmente, impregnados de um sentimento telúrico, reverenciaram a Deus, ao tempo e à natureza, cujos excessos - de chuva ou de sol - eram aceitos com um certo estoicismo. Os italianos não permitiram se abater:

*Nem pelo dia feliz que custa a vir,
nem pelo dia funesto que súbito se precipita,
nem pelas chuvas que tardam,
mas sempre vêm, nem pelas secas
bravas que incendiam nossas colheitas;
não haverá blasfêmia, por ocasião de outros revezes,
se as crias não vingam, e se a rês definha,
se os ovos goram, se os frutos mirram,
se a semente não germina, se as espigas não embucham,
se o cacho tomba, se o milho não grana,
se os grãos caruncham, se a lavoura pragueja,
se se fazem pecas as plantações (Nassar, 1996:60).*

Ao se instalarem nestas terras, os italianos não imaginavam o que aconteceria aos cafezais como consequência do plantio desenfreado dos canaviais - o êxodo rural, a flutuação dos empregos, a alteração da malha urbana, a perda da identidade espacial. O café, ao contrário da cana, fixou o homem à terra, dinamizou as relações sociais, criou vínculos, transformou o campo em espaço vivenciado, pois como afirma Certeau, “o espaço é o efeito produzido pelas operações que o rientam, o

circundam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidades contratuais.” (1994:202)

O cultivo do café transformou o campo em espaços existenciais onde lutas, desejos e experiências eram constantemente vivenciadas; por este motivo, a epopéia cafeeira é até hoje tema da literatura, do teatro, da teledramaturgia, cuja saga suscita sempre o desejo de recontá-la. Assim, o *corpus* deste artigo é a história de vida de um descendente de imigrante italiano.

Franqueamos ao informante, com 75 anos e alguns problemas de saúde, que fosse relatando espontaneamente os acontecimentos, sem impor-lhe nenhuma diretriz prévia, o que permitiu que ele deixasse fluir naturalmente as lembranças. Mas a um idoso trazer à tona o passado sempre desencadeia certa emoção e sofrimento e com isso as lembranças, carregadas de afeto, deslizavam desorganizadas pela memória. Suas evocações acabaram por envolver os pesquisadores, por pertencerem eles ao mesmo universo de vida do informante.

Com o intuito de ordenar o material recolhido, a fim de submetê-lo à análise, resolvemos agrupá-lo por temas. Este procedimento fez com que de ouvintes passássemos também a narradores, caracterizando-se este “*corpus*” por uma polifonia de vozes narrativas. Criaram-

se dois contextos de situação narrativa. Um, o do informante, que, tendo vivido a história como personagem, retira dessa experiência as informações de que necessita. Outro, em que o narrador relata uma história a que é estranho, porque não a integrou como personagem. Recorrendo à teoria da literatura, diríamos que o primeiro é o narrador homodiegético, o próprio informante, o segundo, heterodiegético. (Reis, 1995:370-371).

A narrativa apresentada por temas, com suas respectivas análises, para distinguir a presença dos dois narradores usará N1 e itálico, para o narrador original e N2 para o segundo narrador, e a fala de ambos estará entre parênteses, com a fonte em tamanho menor.

VISTA PARCIAL DE PINDORAMA, CENÁRIO DOS ACONTECIMENTOS

N2 - (Eles iam fazer cinquenta anos de casados. Muita, muita água tinha rolado. Todo o Oceano Atlântico de testemunha. Era preciso comemorar de alguma forma. Afinal depois de tanta labuta, eles bem que mereciam. Os filhos se mobilizaram, as noras também, todos queriam dar palpite, colaborar da maneira como podiam. Ficou acertado que seria mesmo uma festa. Primeiro um almoço para toda a família. As mulheres capricharam: renda "guipure" que não acabava mais.

À tarde a festa continuou com os outros convidados. Como eles eram muito conhecidos, resolveram convidar pelo alto-falante para que ninguém ficasse esquecido. O terreiro, onde se secava o café, foi devidamente preparado. Vieram os ricos, os pobres. As Mazzi, doceiras famosas, foram contratadas. Houve muita dança, muito barulho. Até filmagem foi feita. A pequena cidade de Pindorama demorou para esquecer essa festa).

À luz da saga do imigrante, a festa pode ser tomada em seu sentido de

comunhão, congregação e re-união e, de certa forma, no sentido sagrado de agradecimento às boas colheitas, aos filhos gerados na nova terra. Festa de bodas de ouro não deixa de ser a confirmação de um ato ritualístico, reencenado para simbolizar a estabilidade (ou renascimento) do homem imigrado e plenamente adaptado à nova pátria: um re-casamento com a ordem do universo, com a harmonia social, com um forte sentimento de agregação - "*resolveram convidar pelo alto-falante*" - e, num sentido cosmológico, com a mãe-terra. A festa, portanto, é a representação de uma liturgia cotidiana, materializada na devoção à terra por meio de um trabalho estafante, repetido de sol a sol. Ela sintetiza, assim, a passagem de um tempo, cronologicamente marcado, para um tempo existencial, e, numa referência a Gusdorf, para um tempo mítico: "*o tempo da festa é o tempo mítico, o tempo inicial, que a liturgia festiva não se contenta apenas com evocar, com comemorar, mas com recriar efetivamente*" (Gusdorf, 1984:126).

Vista para além de seu significado imediato e mais que uma forma de sedimentar o sentimento pátrio que o imigrante desenvolveu na pequena cidade de Pindorama, a festa de bodas representa também a sacralização de um espaço, uma vez que atesta o compromisso dos imigrantes italianos em ajudar a construir uma Nação. O espaço deixa de ser pessoal, para se transformar em espaço vital da existência. É ainda Gusdorf que nos elucida: "*a festa é o grande jogo social da transcendência, o recomeço do Grande Começo, presentificação antes que representação de uma ontologia*" (idem, 127).

O SONHO

N1 - (*Já se passaram muitos anos e muita coisa eu já esqueci. Me lembro bem que meu pai contava que a vida estava*

ficando difícil para os trabalhadores dos campos na Itália. Faltava serviço, e, quando tinha não dava para ganhar nada. Foi quando começaram a falar que estavam precisando de gente para trabalhar nas terras do Novo Mundo, principalmente no Brasil. Tinha de trabalhar duro, mas se podia ficar rico em pouco tempo).

N2 - (Muitos homens vieram, uns com família, outros, sozinhos. Muitos vieram para o Brasil, porque aqui, com a abolição da escravidão, estavam contratando gente para lidar na lavoura. Os que vieram já trabalhavam com a terra, nas suas aldeias, ou faziam serviços gerais nas cidades grandes. Com exceção de poucos, quase todos os italianos trabalhavam na roça. Ninguém era especializado em nada, alguns até eram analfabetos. Mas quem veio, veio com a certeza de que a vida podia ficar melhor e o futuro, mais garantido. Eles diziam que vinham para fazer a América).

Nos mitos, nos contos populares, enfim, nas narrativas de todos os tempos é comum a personagem aventurar-se por caminhos quase sempre obscuros e desconhecidos. Antes de ela empreender a caminhada, que poderá levá-la ao triunfo ou ao fracasso, ela vive momentos de grandes conflitos interiores.

A narrativa aponta essa situação vivida pela personagem como uma sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, resultando em um acordo ou desacordo entre sujeito e objeto; por isso, as estruturas narrativas são registros das histórias dos relacionamentos humanos marcados por conflitos e contratos. Na sintaxe da narrativa há um sujeito destinador que manipula outro sujeito, atribuindo-lhe uma competência para desenvolver determinada tarefa que poderá ser sancionada positiva ou negativamente dependendo de como se saia o segundo sujeito; se para Greimas o esquema narrativo representa, formalmente, o

sentido da vida, como projeto, realização e destino, para Barros a sintaxe narrativa “*deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo*” (1990: 16).

Ora, na história de vida de nosso informante, a situação adversa dos trabalhadores italianos empurra-os para as terras do Novo Mundo: *muitos homens vieram, uns com família, outros, sozinhos*. A adversidade pode ser apontada como o destinador que instiga o sujeito-destinatário a empreender uma jornada em busca de uma vida melhor. É como se ele tivesse ouvido o “chamado da aventura”, que, segundo Campbell, “*significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida*” (1999:66). A região pode ser representada de várias formas: uma floresta, um reino subterrâneo, uma ilha secreta, uma terra distante.

A corrente migratória de todos os cantos do planeta, em qualquer tempo, figurativiza, na vida real, a trajetória do homem, que alçado à condição de herói, atende ao chamado da aventura par dar um sentido à vida, fazendo do episódio bíblico, centrado na figura de Abraão e resumido na frase “*Deixa tua terra, tua parentela e a casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei*” (Gênesis: 12, 1), a metáfora da saga heróica de nosso imigrante.

A VIAGEM

N1 - (*Eu nasci em 1925, aqui no Brasil. Meus pais eram vênnetos, de Veneza, por isso eram altos, claros, tutti biondi, diferentes dos italianos do sul, como os calabreses, que tinham pele mais escura por causa da influência dos mouros. Pegaram o navio, que trazia imigrantes, em Gênova, com destino a Santos. Muitas e muitas vezes ouvimos essa história contada em família e passada para os filhos, netos nas suas mais diversas versões. Impossível não lembrar tamanha aventura. A primeira classe era*

para os ricos, a segunda, para os remediados, e a terceira, para os imigrantes pobres. Foi nessa que os meus pais viajaram. Eles diziam que era uma espécie de porão, no qual eles vinham amontoados como gado. Não havia muito espaço para todos. E todo mundo tinha medo de ficar doente. Se a pessoa viesse a morrer durante a viagem, o capitão jogava o corpo no mar.

Todo mundo agüentava firme. Meu pai contava que um dava coragem para o outro, pois todos tinham medo da viagem, do mar, da peste, do desconhecido. E todos enfrentavam, porque estavam cheios de esperança. Os homens se distraíam jogando, conversando, fazendo planos. As mulheres cuidavam das crianças, dos que passavam mal, por causa dos enjôos, das torturas).

N2 - (A viagem longa parecia não ter fim e eles tinham que fazer alguma coisa para o tempo passar mais depressa. Muitos, que depois se tornariam compadres e comadres aqui no Brasil, se conheceram na viagem. Era uma confusão geral. Cada família procurava não se separar, com medo de se perder. Mas mesmo assim, os moços e as moças deram um jeito de namorar, fizeram promessas de novos encontros aqui no Brasil. Só que ninguém sabia onde e nem como. O destino era incerto. Só tinham certeza de uma coisa: A América era o Paraíso e o Brasil, a terra da fartura).

Por uma contingência sócio-econômica e por uma questão de sobrevivência, os italianos deixaram a terra-mãe, em sua versão de terra-madrasta, e enveredaram-se pelos caminhos do mar, numa travessia sofrida, em direção a um futuro incerto. Essa imersão marítima, esse mergulho no líquido pleromático, é, ao mesmo tempo, esquecimento e preparação para um re-nascimento, dada por uma relação metonímica entre navio-mar-água. O esquecimento era preciso para a reunião de forças necessárias ao re-começo de uma nova vida, mesmo que fosse um esquecimento temporário que se tornaria recordações contadas nas conversas com

os filhos. A viagem, em péssimas condições, por outro lado, por mares perigosos, representa a prova de força, mergulho batismal, imersão em águas primordiais; como diz Durand, “*as águas seriam, assim, as mães do mundo, enquanto a terra, a mãe dos seres vivos e dos homens... Primitivamente, a terra, tal como a água é a primordial matéria do mistério, que é penetrada, que é escavada e que se diferencia simplesmente por uma resistência maior à penetração*” (1989:89).

Os imigrantes lavraram a terra, araram a terra para edificarem um novo mundo. Esta terra-mãe que lhes propiciou colheitas fartas e uma boa vida. Contextualizada simbolicamente, a América ou o Brasil, como terra de fartura, representa aqui a “*tellus mater*”, que, de acordo com Chevalier e Gheerbrant, tem uma função maternal, pois dá e rouba a vida (1996:879). Atribuir à América as benesses do paraíso, como consta na fala do imigrante, significa transformá-la na terra prometida. Foi por conta dessa promessa que os imigrantes partiram de sua terra natal.

A CHEGADA

N2 - (Os problemas da viagem não terminaram com a chegada do navio a Santos. No porto era uma confusão geral, pais que procuravam os filhos, filhos que choravam porque perderam os pais. Até que apareceram uns homens que começaram a separar as pessoas: homens, de um lado e mulheres, de outro. Mandaram todo mundo tirar as roupas para desinfetar, com medo de que os imigrantes estivessem trazendo a peste por causa das condições de higiene dos navios de imigrantes. Lavaram, secaram em fornos para que a secagem fosse mais rápida. Na hora da devolução, foi um desespero. Algumas pessoas, iludidas com a viagem, compraram roupas especiais para o desembarque. Com a lavagem em série, elas desbotaram, encolheram, amassaram).

N1 - (*Foi nessa confusão, contava meu*

pai, que ele perdeu a bandeira italiana e a brasileira que trazia na bagagem. Logo depois vieram os capatazes, empregados dos fazendeiros, que distribuíaam e encaminhavam os italianos para trabalhar como colonos nas lavouras de café. Alguns vinham em carros de boi para as fazendas mais próximas de S. Paulo, outros pegavam o trem. Não havia tempo para se perder. Os grãos de café, já maduros, tinham de ser colhidos o mais rápido possível. O fazendeiro tinha pressa.

Os italianos ficaram impressionados com a imensidão dos cafezais. "Madonna mia santissima"- diziam sem parar. Meu pai trabalhou como colono, numa fazenda localizada na região de Taiúva e Guariba, principalmente no plantio e na colheita de café. As dificuldades foram muitas, mas nunca pensaram em voltar, porque na Itália as coisas eram piores.

Não demorou muito. meu pai comprou por três contos de réis um pequeno sítio de vinte alqueires em Pindorama. Vieram de carro de boi. Eles contam que demorou muito para chegar. Chovia sem parar, os dois filhos mais velhos já tinham nascido. Foi preciso abrigar as crianças embaixo da carroça. Mas vinham felizes para o pedacinho de terra deles. Quando chegaram, meu pai construiu uma casa parecida com a das de pau a pique, uma espécie de madeira de coqueiro em que os buracos da madeira eram preenchidos com barro. Era o ano de 1912).

"Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!

É canto funeral!...Que tétricas figuras!

Que cena infame e vil!... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!"

Com os versos acima, do poema "O navio negreiro", Castro Alves registra os sofrimentos a que eram submetidos os escravos ao serem transportados para o Brasil. Considerando-se as condições da viagem dos imigrantes e a recepção que tiveram ao chegar ao Brasil, pode-se estabelecer aqui um paralelo com os escravos. A viagem nos carros-de-boi não deve ter sido muito mais confortável que a do navio. Não é mera coincidência

o fato de eles virem para substituir a mão-de-obra escrava nas lavouras de café. Também como os negros, embora de forma mais suave, foram vítimas de uma série de preconceitos com os quais, certamente, eles não contavam. É que, como se pode perceber, uma certa dose de ingenuidade tomava conta dos imigrantes.

Apesar dessa ingenuidade e da falta de cultura, eram portadores de um senso de esperteza que bem explica a facilidade com que se adaptaram à nova terra. Junto com as bandeiras brasileira e italiana traziam também na bagagem um pragmatismo de certa forma didático: a nova terra tinha de ser também a nova pátria, de que a bandeira era o seu melhor símbolo.

As bandeiras, como o tapete de oração dos muçulmanos, representavam, numa miniaturização, a terra natal ou o "arquétipo do continente e do conteúdo" (Durand, 1989:149). Numa duplicidade, ao mesmo tempo de fidelidade à terra natal e de apego à nova terra, nota-se um processo de encaixamento/redobramento simbólicos: Pátria-Bandeira-Cidade, esta última como destino final dos imigrantes, palco de coexistência de um sentimento ítalo-brasileiro, manifestado pelos costumes e hábitos de vida.

A perda das bandeiras reafirma simbolicamente a idéia de encaixamento e redobramento. Num re-nascimento as lembranças passadas devem ser esquecidas para se tornarem memórias de vida e, como memória, mais do que recordações, serem histórias de vida. Assim, a perda das bandeiras pode representar uma dupla negação - uma denegação - do símbolo e do sentimento de amor patriótico para re-afirmar o respeito à Terra-Mãe, que nesse caso é a terra escolhida, a Canaã, metade Itália, metade Brasil. Não seria impertinente, recorrermos ao significado simbólico da palavra Pindorama, palco de todos os acontecimentos, que em tupi-guarani seria a Pátria originária, a "Terra das Palmeiras". A tomada da terra com o

sentido de continente geral, através de um sentimento patriótico, fez com que este sentimento fosse a "intuição subjetiva de um isomorfismo matriarcal e telúrico", segundo Durand (1989:160).

A LIDA

N2 - (Foi aqui que tiveram de mostrar se eram mesmo corajosos. Era uma floresta só. E para cultivar a terra tiveram de abrir picada na mata. Tudo feito na força braçal, com facão, com enxada. A mata era o maior perigo, por causa dos animais, das árvores muito fechadas. A natureza foi o maior empecilho. Plantaram café, cereais, tudo na base de ferramentas antigas. Parece que tudo dava certo para os imigrantes. Os italianos formaram a maior parte dos cafezais de S. Paulo. Teve um tempo em que os italianos arranjavam emprego com facilidade, porque tinham jeito para o cultivo e além disso não tinham preguiça. Isso gerava um pouco de ciúmes nos brasileiros).

N1 - (Meus pais sempre comentavam que não foi difícil perceber que havia preconceito e grande prevenção contra os imigrantes italianos. Pegaram mania de xingar eles de carcamanos, só para ofender.

Mas nunca eles criaram inimizades. Pelo contrário, se entrosaram muito bem com todos - brasileiros natos, portugueses, espanhóis, árabes - imigrantes também como eles. Acho que nesse ponto foram inteligentes, apesar de analfabetos. Sabiam que as coisas por aqui tinham de dar certo, porque não tinha volta. Tanto é que os meus pais só falavam italiano entre eles, e não com os filhos. Acho que deu certo também porque nunca se iludiram, achando que as coisas iam cair do céu. Trabalharam duro. Meu pai ia para a roça. Quando os dois irmãos mais velhos ficaram grandinhos, eles alternavam a roça com a cartilha. Um ia para a lavoura, enquanto o outro ia para a cidade aprender a ler e a escrever. No dia seguinte, trocavam. Eles aprendiam com o único professor que ensinava adultos e crianças. Eu não cheguei a conhecer, mas

ele chamava Ananias .

Minha mãe, como todas as outras mulheres de imigrantes, trabalhou duro para ajudar meu pai. Criou nove filhos, levava comida na roça para os homens. Meu pai já tinha conseguido contratar alguns camaradas. Nem se falava em água encanada. Ela tirava água do poço, puxada com sarilho, uma espécie de cilindro onde se amarrava uma corda. Na outra ponta da corda, prendia-se um balde, que era lançado ao fundo do poço. Tinha de fazer o balde subir cheio de água. Tudo na base da força braçal. As mulheres dos imigrantes, sim, é que trabalharam. Nas casas não havia luz elétrica, As roupas eram passadas a ferro a brasa.

Era a época da primeira guerra. Começou a ter racionamento de alimentos. Faltava farinha para fazer pão. As mulheres faziam pão com mandioca. Mas minha mãe nunca deixava faltar pão, que era assado no forno a lenha, construído no quintal das casas. Se tivesse necessidade, as mulheres também iam ajudar na roça, ou então ficavam no terreiro abanando o café com aquelas peneiras grandes. Elas colocavam as crianças sentadinhas numa bacia e olhavam toda hora, com medo que aparecesse algum animal, alguma cobra.

Apesar de toda essa luta, nunca pensaram em voltar).

Somos tentados, num primeiro momento, a considerar a saga do imigrante italiano uma obra humana de natureza e de mérito masculinos. E na verdade o facão para abrir as matas, a enxada para arar a terra são os instrumentos manipulados exclusivamente pelos homens e índices da luta vitoriosa do imigrante.

No entanto, coube à mulher do imigrante um papel fundamental nessa vitória, pelo senso de companheirismo (trabalharam duro como os homens), pelo espírito de agregação (elas levavam comida para os homens na roça), e pela facilidade com que se adaptaram às circunstâncias (na falta da farinha, o pão era feito de mandioca, mas ele nunca faltava).

Numa narrativa os objetos são

actantes que participam diretamente integrando-se à narração e sofrendo tanto o investimento de um projeto feito pelo narrador, como a atribuição de um determinado valor - adquirem o *status* de objeto-valor -; assim, o pão para o imigrante, que é o alimento da sobrevivência e sem o qual não se pode passar, reveste-se das especificidades do objeto-valor, na fala do informante: "minha mãe não deixava faltar o pão".

O pão reveste-se de um simbolismo duplo; é *nutriente* - alimento universal nas culturas de todos os tempos; é alimento bíblico, juntamente com o leite e com o mel - e *alimento espiritual* - o pão da vida, o pão sagrado da vida eterna, o corpo de Cristo. Associado ao vinho, que se relaciona à vida contemplativa, o pão liga-se à vida ativa (Chevalier e Gheerbrant: op. cit: 682). O pão e o vinho protagonizam o dia-a-dia dos costumes italianos e na narrativa do imigrante, sobretudo o pão, passa a ser o objeto-valor pelo qual o sujeito-mulher administra cotidianamente a trajetória heróica do imigrante.

O PROGRESSO

N1 - (*À custa de muito sacrifício e trabalho, meu pai comprou o primeiro caminhão, um dodge, que era usado para transportar o café da roça para o terreiro. O café dava lucro. As floradas prometiam. Dava gosto andar pelos carreadores e sentir o cheiro das flores brancas do café. Nessa época, nem se falava em ferrugem nos cafezais paulistas. Era plantar, cuidar, esperar a colheita. O segredo era um só. TRABALHAR, TRABALHAR.*)

N2 - (*A família prosperava, assim como outros imigrantes.*

Sempre havia o perigo das geadas, que prejudicava a produção. Todos os filhos já eram nascidos. A prole crescia em saúde e em patrimônio. Conseguiram comprar a primeira fazenda, num bairro rural chamado Canjica. Com o tempo, comprariam fazendas no Mato Grosso e também no Paraná.

Na Canjica, os filhos mais velhos é que

se encarregaram de derrubar a mata e plantar o café. Eles já eram casados e as mulheres deles, as noras, deram duro também, porque tinham de cozinhar para aquele monte de camaradas que iam ajudar na lavoura. Também tinham conseguido comprar uma máquina de benefício de café, que limpava o grão da palha e deixava o café no ponto para a venda. A saca de café limpo dava mais lucro que a de café em coco.

O grande inimigo mesmo estava para chegar logo mais. A quebra da bolsa de Nova York, que levou a economia americana à derrocada, refletiu profundamente na vida dos plantadores de café do Brasil. O estoque ficou encalhado, porque eram os Estados Unidos o maior comprador. O país foi à bancarrota, porque não tinha exportação. O governo brasileiro chegou a queimar lotes e lotes de café. Mas não adiantou, foi uma quebradeira geral).

N1 - (*Eu era muito pequeno e não me lembro bem. Mas de tanto comentarem, sei que foram momentos de aperto, mas ninguém desanimou, pois, com o passar do tempo, as coisas se ajeitaram e a luta continuou.*

O que ajudou minha família era que o meu pai sempre foi prevenido, não esbanjava, tinha o nome respeitado na praça e sempre procurava fazer uma reserva. Teve uma época que ele guardava o dinheiro em casa, num canudo feito de folha de zinco. Ele sempre tinha uma reserva).

N2 - (*Mas os italianos ainda iam ter de passar por outros problemas. Durante a segunda guerra, como a Itália estava do lado da Alemanha, os italianos daqui foram perseguidos pelo governo brasileiro. As pessoas diziam que eles eram súditos do eixo e pertenciam à quinta coluna. Alguns tiveram os seus bens confiscados nas pequenas cidades, o delegado local é que se encarregava de cumprir essas ordens superiores. Precisavam de salvo conduto para viajar. De alguns tiraram o rádio, alegando que eles ouviam notícias do eixo).*

N1 - (*Do meu pai, retiraram do caminhão uma peça chamada martelete e*

sem ela, ele não andava. Fez muita falta durante a colheita. O mesmo caminhão que foi levado para São Paulo, para ajudar na revolução de 32 e que foi devolvido, assim que acabou a revolução. Mas meu irmão teve de ir a São Paulo, para reaver o caminhão. A guerra estava chegando no final e já não era mais necessário ter o salvo conduto. Foi nessa época que os italianos foram muito insultados, discriminados e xingados como nunca de carcamanos.

Mais uma vez os imigrantes mostraram que eram bravos. Ficaram tristes por tudo isso, mas o amor que tinha pelo país e pela nossa cidade era maior. O meu pai já era nessa época uma figura muito popular. Não havia quem não conhecesse o João de Paula, como era chamado por todos. Ele gostava muito de andar num *fordinho* 29. Assim que foi melhorando de vida, foi se tornando um benfeitor. Colaborava com os empreendimentos, com as festas, enfim com o progresso da cidade. Meu pai sempre quis esse progresso. Esse espírito construtivo, já se tornava marca registrada da família. Qualquer construção que fosse feita na cidade, de praça, de igreja, de estrada, minha família contribuía. Davam o que tinham, sacas de café, algumas cabeças de gado, um ou outro terreno para a construção de benfeitorias públicas. Um de seus filhos chegou a ser prefeito da cidade e todos os outros, talvez pela luta que travaram, tinham um pouco desse espírito de cidadão benemérito.

Pena que tudo isso acabou. Os tempos mudaram. A família não conseguiu mais acompanhar as mudanças. Faltou esperteza, cultura, senso de administração. Só trabalharam, não souberam pensar no futuro. Pelo menos os filhos mais novos conseguiram estudar e se formar. Eu e outro irmão estudamos para ser guarda-livros, o que é hoje contador. O outro se formou advogado na São Francisco. Os netos não foram criados para a vida na lavoura. Pelo menos conseguimos encaminhar eles para os estudos. Pensando bem, essa foi a maior herança).

A luta diuturna do imigrante na terra forjou-lhe o caráter e a sensibilidade. Se

de um lado sedimentou-lhe a ética do trabalho, de outro, refinou-lhe o espírito, ensinando-lhe a resignação como princípio de vida e a paciência da espera do tempo da frutificação. Aceitaram as perdas causadas pelas intempéries que afetavam as colheitas. Por mais que trabalhassem a terra escaldante, o que regia seus princípios era a compreensão cíclica de vida e morte contida num simbolismo lunar, porque só o "ritmo lunar tem a lentidão 'tranquilizadora' propícia à instauração de um filosofia agrícola" (Durand, 1989:203). Desta forma, o ritmo do arar a terra coincidia com o esquema rítmico do tempo que determinava o período do floração e da frutificação.

A família do imigrante não apenas cultivou a terra, mas antes de tudo cultuou-a e deixou às gerações seguintes - os netos - uma outra cultura, a cultura dos livros, como fica demonstrado na frase: "Pelo menos conseguimos encaminhar eles para os livros. Pensando bem, essa foi a maior herança".

O fruto e o conhecimento precisam para o seu amadurecimento da lentidão do tempo que inscreve o ritmo e o progresso às culturas, por meio de um movimento cíclico; na cultura da terra, espera-se o tempo da frutificação, na dos livros, o desvelamento do conhecimento, e, em ambas, o aprimoramento da alma. Cultivar e cultivar a terra traduziu-se num vínculo de natureza agrícola-existencial, pois a vida de todos os dias sedimentou vivências e convivências. Esta dedicação à terra criou um vínculo de identificação - senão de individuação - muito estreito entre o imigrante e seu objeto de trabalho por uma complementação homem-terra, homem-lavoura, homem-semente, homem-promessa. Por este motivo, o espírito aventureiro do imigrante extrapolou o pequeno núcleo familiar, alcançando outros espaços: a cidade. Com a oferta de grãos de café, de cabeças de gado, a cidade edificou-se; graças aos frutos da terra, que puderam colher. Numa relação metonímica da

parte pelo todo, a cidade erigiu-se em Nação, consolidando um amor pátrio pela nova terra - assim, justificam-se as bandeiras na mala do imigrante.

OS COSTUMES

N2 - (Mesmo quando a lida na lavoura ia de sol a sol, se tinha tempo para o pão, o vinho e a sanfona).

N1 - (Meu pai tocava sanfona. Não consigo me lembrar de tudo, mas da sanfona lembro, me lembro bem, era uma sanfona de oito baixos. Ele gostava de tocar, de cantar e de dançar. Não me esqueço de uma música que chamava *Ciao, ciao, muritina bela*. Ele era muito alegre. Era exigente com os filhos, mas nunca batia, nem castigava. A generosidade era seu jeito de ser mais visível. Adorava prostrar com as pessoas. Por isso ficou logo popular. Já minha mãe quase não conversava muito. Antigamente os pais não mimavam os filhos. Não se tinha tempo para isso. Era de poucas palavras, séria demais, um pouco seca, até com as filhas. Com ela tinha de andar *direitinho*. Mesmo desse jeito, ela estava presente nas festas. Às vezes vinham as pessoas das colônias vizinhas. Ai juntava bastante gente. Comia-se muito. Muita polenta com frango. Não dá para esquecer a polenta saída do fogo, com molho e queijo derretendo por cima. Sempre tinha também o *radichio*, chamado também de *chicória*, refogado no azeite de oliva e alho frito. A *macarronada*, com macarrão feito em casa, pão de forno e muito vinho para alegrar a todos. Havia dança. Os homens tiravam as mulheres para dançar. Os italianos eram alegres. Depois os filhos foram se casando. A maioria se casou com descendentes de italianos ou de outros imigrantes. Os brasileiros puros consideravam-se nata da sociedade e não se misturavam com os filhos dos italianos maledetos.

Os filhos com as noras continuaram a ir nos fins de semana. Os homens ficavam na varanda. As mulheres na sala. Não tinha muita luz, às vezes nem mesmo muita conversa. Os velhos morreram. Acho que um pouco da alegria ficou perdida. Não

sei onde nem porquê).

CONCLUSÃO

Na diacronia do tempo, a saga do imigrante - a partida, a chegada, a luta, o progresso - concretizou-se, e em meio aos grandes acontecimentos, as pequenas ocorrências do cotidiano foram significativas para a compreensão da alma do homem que atravessou o oceano em busca de um sonho. A alma do imigrante adquiriu sua forma em consequência da luta com a terra e da maneira que encontrou para acalantar o corpo cansado do trabalho de todos os dias, como diz o narrador: "*Mesmo quando a lida na lavoura ia de sol a sol, se tinha tempo para o pão, a sanfona e o vinho*".

A vida não se tece apenas na linearidade dos fatos, pois estes se transformam a partir da ação do homem e dos valores que lhe são atribuídos. O gesto e os pequenos eventos que ocorrem na sincronicidade da vida são fundamentais para o entendimento da sociedade, por isso a observação dos costumes cotidianos dos imigrantes é necessário para compreender que o vinho era uma forma de celebração da vida sobre os infortúnios da morte, que o aquecimento do álcool e a embriaguez promovem um outro tipo de conhecimento das coisas, avisando que a vida não pode ser feita somente de trabalho; assim era, também, a sanfona que substitui o arado, e a dança que substitui a faina de todos os dias. O vinho, na sua simbologia, confunde-se com o isomorfismo das valorizações sexuais e do sangue, que "*é sinal de uma grande vitória sobre a fuga anêmica do tempo*" (Chevalier e Gheerbrant, 1996: 955).

A um idoso rememorar tudo o que materializou o significado da vida sempre gera certo conforto interior. Narrar sua própria vida pressupõe um resgate desse tempo passado que a memória recuperou para fazê-lo escapar "*ao tempo da quinta raça, feita de cansaço, de miséria e de angústia*" (Vernant, 1990:114).

A narrativa de história de vida do imigrante representa o modo de restaurar uma vida tecida pelas relações homem-terra, em especial o que aí se moldou em matéria existencial de um tempo passado, sobretudo quando o presente é vazio e fugaz. Só a memória preenche o presente e, livrando-o de uma efemeridade inconsistente, eterniza-o. E só ela atualiza pela palavra narrativa o que teve significado no passado.

A epígrafe deste trabalho ilustra exemplarmente a salvação do passado pela memória. "Nada pode o olvido", isto é, o esquecimento não consegue nada contra o apelo do Não, ou seja o apelo do que já foi e que confunde o coração do poeta, porque o presente já não tem tanta importância. As coisas passadas, sim, é que voltam mais belas ao presente. Em síntese, fica o que significa ou o que significou.

E o que significou para nosso informante foi "andar pelos carreadores e sentir o cheiro das flores brancas do café". As flores brancas que já não existem mais porque os cafezais foram dizimados e transformados em canaviais. Agora, em vez de flores, os pendões da cana anunciando a proximidade do corte e a tão nefasta proximidade com sua chuva de fuligem.

Já não há mais histórias a contar, como as que havia na espera da colheita cíclica do café, histórias quase míticas, pois presentificavam as experiências cotidianas, o significado que elas tinham para seus agentes, impregnadas, portanto, de um sentido ontológico. O tempo de frutificação era também o tempo da narrativa.

A história de vida, objeto de análise deste trabalho, pretende ser um resgate desse tempo e ao seu narrador podemos atribuir as marcas apontadas por Benjamin e assim sintetizadas: "*O narrador - eis um indivíduo capaz de permitir que o pavio de sua vida se consuma inteiramente na suave chama de sua narração*" (1975:81). À guisa de

Sherazade, ao nosso narrador, o lema: narrar ou morrer.

A título de palavra final, histórias de vida reabilitam a arte de contar, cujo declínio tem sido apontado pelos estudiosos da narrativa, como Benjamin. Contra isso, melhor ficarmos com Ricoeur: "*Talvez seja necessário (...) acreditar que novas formas narrativas estejam nascendo; elas atestarão que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer. Pois não temos idéia do que seria uma cultura em que não se soubesse mais o que seria narrar*" (Ricoeur, 1995:46).

* *Antonio Busnardo Filho e Maria Ivoneti Busnardo Ramadan são doutores em Educação pela Faculdade de Educação/USP.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de
(1990) *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: Ática.
- BENJAMIN, Walter
(1975) *O Narrador*. São Paulo: Abril Cultural.
- CAMPBELL, J.
(1999) *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix.
- CERTEAU, Michel
(1994) *A Invenção do Cotidiano: Arte de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 11ª ed.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alan
(1996) *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- DURAND, Gilbert
(1989) *As Estruturas Simbólicas do Imaginário*. Lisboa: Editorial Presença.
- GUSDORF, G.
(1984) *Mythe et métaphysique*. Introduction à la philosophie. Paris: Flammarion.
- NASSAR, Raduan
(1996) *Cadernos de literatura brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales.
- RICOEUR, Paul
(1995) *Tempo e narrativa*, vol. II. Campinas: Papyrus Editora.
- REIS, Carlos
(1995) *O Conhecimento da literatura: Introdução aos estudos literários*. Coimbra, Almedina.
- VERNANT, J.P.
(1990) *Tempo e Pensamento entre gregos*. São Paulo: Paz e Terra.